

CURRÍCULO CULTURAL: o que ensinam os livros regionais sobre identidade?

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Resumo

Há muito que os estudos sobre questões curriculares têm-se debruçado sobre temas bastante amplos, como aqueles que consideram o papel central que a cultura e a linguagem exercem em todos os aspectos da vida social. Desta forma, existe, cada vez mais, uma ampla gama de pesquisas a respeito dos aspectos culturais do currículo – que lições de sujeito, de identidades, que tipos de conhecimento circulam nos currículos escolares. Com base nestas considerações, este trabalho tem por objetivo analisar o que nos ensinam os livros didáticos regionais sobre as identidades de várias regiões do país. Para isso, foram analisados 14 livros didáticos dos anos iniciais adotados em diversos Estados brasileiros – Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Pernambuco, Bahia, Goiás –, no sentido de levantar e de problematizar as representações de identidades presentes nestes materiais. O referencial teórico da pesquisa está situado no campo dos Estudos Culturais, privilegiando as análises das narrativas e dos discursos que circulam e atuam nos livros acima mencionados. Os resultados da pesquisa apontam para algumas figuras identitárias bastante fortes e marcantes – como é o caso da representação identitária do gaúcho – e para aspectos mais folclóricos de algumas identidades, como as representações de danças e de festas marcando identidades de mineiros e baianos, por exemplo. Sendo assim, fazem parte do currículo e ali circulam representações identitárias regionais bastante diversificadas, que compõem um amplo leque de posições de sujeito a serem ocupadas pelos alunos e alunas interpelados por tais materiais.

Palavras-chave: Currículo; Currículo Cultural; Livro Didático; Identidades.

Abstract

For quite some time the studies about curriculum issues have been watching most general matters, specially the ones that consider the main role that culture and language have on the aspects of social life. Therefore, the amount of researches about cultural aspects of the curriculum keeps on growing – aspects like the lessons about the individual, the identities, and the kind of knowledge present on school curriculum. Based on these considerations, the following work has the objective to analyze what the regional schoolbooks teach us about the many regional identities of the country. Fourteen elementary schoolbooks from different Brazilian States - Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Pernambuco, Bahia, Goiás - where analysed with the purpose of identifying and putting in doubt these identity representations present on these books. The theoretical point of reference is in the field of Cultural Studies, where it grants a privilege to the analyses of the speech present in the above mentioned books. The results of the research point to some really strong and present identity figures – like the case of the identity representation of the *gaucho* – and also to more folkloric aspects of some identities, like the dances and popular fests that determines mineiros' and baianos' identities, for example. This way they are part of the curriculum, where really different identity representations will be found and represent a lot of different individual positions to be occupied by the students that these schoolbooks interpellate.

Keywords: Curriculum; cultural Curriculum; Schoolbook; Identities

“Historicamente, a escola tem sido um locus privilegiado de criação e reafirmação de algumas identidades, em especial daquelas ligadas ao âmbito do nacionalismo, para o qual são sempre apresentadas narrativas integradas a projetos políticos, devidamente equipadas de símbolos, apontando perspectivas de futuro a partir do estabelecimento de um passado fabricado/escolhido, marcando posições de sujeito a serem preenchidas pelos alunos e alunas”
(SILVEIRA, 2000, p. 283).

Cada vez mais, nos dias de hoje, os espaços nos quais adquirimos conhecimento e aprendemos diversas lições são plurais e não se limitam ao ambiente escolar. Sendo assim, são inúmeros os ambientes que podemos considerar pedagógicos, e ressalto que o termo pedagogia, aqui, é empregado em seu sentido mais amplo, alinhado ao campo teórico dos Estudos Culturais em Educação, que consideram as mais diversas pedagogias culturais¹, entendendo o “pedagógico” não somente relacionado àquelas práticas desenvolvidas no âmbito restrito da Escola, mas às práticas mais amplas forjadas na esfera social, as quais nos ensinam as mais variadas formas de nos constituirmos como seres humanos – detentores de uma identidade de gênero, raça, classe social, etc.

Sem deixar de levar em conta os amplos e diversificados espaços nos quais as pedagogias culturais atuam, este estudo² privilegia o papel desempenhado pela Escola na construção identitária de alunos e alunas, sublinhando a importância de se estudar as representações identitárias presentes em livros didáticos, representações essas que estão presentes e atuantes nas Escolas e que, conforme observou Silveira no excerto introdutório desta seção, marcam “posições de sujeito a serem preenchidas pelos alunos e alunas”.

Cabe ressaltar ainda que cada vez mais os estudos sobre as questões curriculares têm levado em conta o papel crucial do currículo como um espaço produtor de identidades e de diferenças. O currículo é, portanto, um campo de lutas e de produção de sentidos identitários. Com base nestas considerações, este trabalho objetiva analisar algumas das representações de identidade presentes em livros didáticos regionais, ou seja, aqueles que, segundo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC), pretendem trabalhar com a História, delimitando um recorte espacial, podendo ser uma capital ou estado do país – normalmente destinados à 3ª ou 4ª séries do Ensino Fundamental.

A escolha pelo estudo dos livros didáticos deve-se ao fato de que, embora o vertiginoso crescimento das novas tecnologias possibilite, a cada dia, mudanças significativas no espaço escolar e nas práticas educativas, é evidente, também, o papel privilegiado que os livros didáticos ainda desempenham nos processos de ensino e de aprendizagem. Mesmo com todas as discussões em torno da inclusão digital, em muitas de nossas escolas públicas o livro didático continua sendo um dos únicos recursos disponíveis. Além de ser um recurso didático de extrema importância, o livro didático é um artefato cultural que produz os mais variados saberes, ensinando lições que transcendem os conteúdos curriculares. O referencial teórico da pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais, o qual entende a cultura como constituidora de todos os aspectos da vida social e considera que os processos de significação social, inerentes a ela, cultura, não se dão sem permanentes lutas e tensões.

Sendo assim, também os processos de construção identitária, por serem processos culturais, estão imersos em constantes lutas e disputas pela imposição de significados. A partir destes pressupostos, em um primeiro momento serão feitas algumas considerações a respeito da questão identitária, para, depois, serem feitas as análises de alguns livros didáticos regionais no sentido de discutir de maneira estes materiais tratam as identidades regionais.

Processos de constituição identitária

Quando discutimos a questão da construção das identidades, cabe lembrar que a identidade, assim como denomina Bauman (2005), é um campo de batalha, ou seja, “sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha” (p. 83). Por isso, conforme sinaliza Hall (1997) em relação às culturas nacionais, ao fazermos referência também às culturas e às identidades regionais, não deveríamos pensá-las como sendo unificadas, mas como constituindo um “*dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (p. 67).

Sendo assim, há que se considerar que, em um país da dimensão do Brasil, nos deparamos com as mais diversas identidades regionais – a paulista, a mineira, a carioca, a baiana, a cearense, a pernambucana, etc. -, todas elas construídas a partir de figuras que procuram simbolizar essa unificação identitária e tentam encobrir as mais variadas lutas e conflitos internos de grupos sociais pela sua representação.

O historiador e pesquisador Albuquerque Jr. (2007) aponta como é necessário se estudar e se conhecer a história da constituição das identidades, a fim de que não nos submetamos com facilidade aos discursos que conduzem aos estereótipos e aos preconceitos. O autor, em alguns de seus estudos, trata da identidade nordestina, analisando quais foram as condições de possibilidade que fizeram surgir aquele tipo regional que, segundo o Albuquerque Jr., pertence a uma sociedade rural, atrasada, pobre, rústica, de relações sociais violentas e discricionárias. Todas as figuras que representam o nordestino – o cangaceiro, o jagunço, o coronel, o flagelado, o retirante, o beato, o romeiro – possuem traços em comum e todas remetem-no a uma figura masculina, “não havendo lugar para traços associados à feminilidade. O nordestino vai ser, ainda hoje, visto como um cabra-macho, como um cabra da peste, aquele que enfrenta qualquer situação para defender sua honra e para provar a sua condição de homem” (2007, p. 113). Cabe lembrar ainda que, ao se falar em nordestino, estamos nos referindo a cearenses, pernambucanos, alagoanos, sergipanos, etc., ou seja, o próprio termo nordestino encobre várias identidades, cada uma com suas especificidades.

Assim como Albuquerque Jr., outros autores se debruçaram, a partir das mais variadas abordagens e perspectivas teóricas, sobre a constituição das identidades regionais brasileiras. Arruda (1999) pesquisou os elementos que configurariam a assim chamada “mitologia da mineiridade”, um tipo desconfiado, introvertido, irônico, hospitaleiro,

proseador, político hábil, etc. Da mesma forma, Cerri (1998), a partir do estudo das festas escolares, investiga o que o autor denomina de “ideologia da paulistanidade”.

Inspirando-me ainda nas idéias de Albuquerque Jr. (1999), considero a questão identitária como

uma semelhança de superfície, que possui no seu interior uma diferença fundante, uma batalha, uma luta, que é preciso ser explicitada. A identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas (p. 27).

Ainda no que tange às identidades nacionais e regionais, gostaria de sublinhar o papel privilegiado da cultura e da educação, uma vez que tais identidades chegam até nós “por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 27). Pois bem, passaremos agora à análise de alguns livros didáticos regionais, a fim de discutirmos de que maneira algumas das identidades regionais são representadas em diferentes Estados brasileiros.

Os livros didáticos regionais e as representações identitárias

Antes de passar à análise propriamente dita das representações identitárias presentes nos livros didáticos regionais, gostaria de ressaltar que a primeira fase da pesquisa deteve-se nas representações identitárias presentes nos livros didáticos regionais do Estado do Rio Grande do Sul, a fim de analisar de que maneira o tipo regional do gaúcho era representado.

A partir das análises realizadas, em relação às representações identitárias presentes nos livros didáticos regionais do Rio Grande do Sul, pode-se afirmar, em síntese, que há a recorrência de uma figura tradicional, masculina, associada à região da Campanha, ao cavalo, à indumentária típica – bota, bombacha, lenço, boleadeiras, esporas, chapéu, etc. – à vida rural, enfim, uma imagem bastante conhecida país afora. Trago, a seguir, a título de exemplificação, a maneira como o gaúcho é descrito nos livros didáticos em diversas épocas. Os dois primeiros excertos foram extraídos de livros da década de 1960³:

“O gaúcho é o tipo regional da campanha sul-rio-grandense.

Percorre as coxilhas onduladas, montado no pingo, seu companheiro inseparável.

Sua habitação natural é a estância. (...)

São muito característicos seus trajes: usa bombachas, lenço ao pescoço, a guaiaca, isto é, um cinturão largo no qual coloca a faca, o revólver e o dinheiro; botas de couro com esporas, que tilintam quando anda, e um chapéu de feltro de abas largas e barbicacho.

Quando sopra o minuano, envolve-se no seu poncho.

Sentado, à sombra de frondosos umbus e velhas figueiras, come o churrasco, carne mal passada, feita ao espeto.

À noite, os gaúchos reúnem-se no galpão, onde contam 'causos' e cantam, enquanto a cuia passa de mão em mão" (THOFEHRN e CUNHA, 1963, p. 22 e 23).

"Na campanha rio-grandense é que vamos encontrar o gaúcho, tipo característico da região.

O gaúcho é, em geral, franco, sincero e hospitaleiro. Respeita a família e a palavra empenhada. É decidido, valente e leal na luta.

É hábil cavaleiro e excelente laçador. Seu alimento preferido é o churrasco e sua bebida predileta o chimarrão" (BOPP e CABRAL, 1969, p.47 e 48).

Na página seguinte o livro apresenta a seção "Como se veste o gaúcho", listando e explicando tudo aquilo que faz parte de sua indumentária – "chapéu, lenço, pala, camisa, guaiaca, tirador, esporas, relho, isqueiro, bombachas e botas" (p. 49).

Quase quarenta anos depois, alunos e alunas, ao folhearem seu livro didático e estudarem a identidade gaúcha, encontram uma descrição bem próxima daquelas acima destacadas:

"O gaúcho é o tipo característico da Campanha. (...)

O gaúcho, quando se veste a rigor, costuma usar as seguintes vestimentas: chapéu de abas largas, barbicacho, camisa de pano, lenço de pescoço, guaiaca, chiripá, botas com esporas, tirador, bombacha, poncho, pala.

Os hábitos do gaúcho são em geral ligados à vida no campo. Os mais conhecidos são:

- fazer do cavalo um companheiro – o gaúcho procura nunca se separar do cavalo.

O cavalo é chamado pelo gaúcho de 'pingo'.

- ser hábil no uso do laço e ágil no uso de boleadeiras.

- apreciar um bom churrasco – geralmente uma carne malpassada, assada sobre brasas, com ou sem espeto.

- saborear o chimarrão – bebida de mate cevado sem açúcar. É sempre servido a um

visitante, num gesto de hospitalidade e cordialidade" (KOTECK, 2000, p. 100-104).

Para finalizar os exemplos, transcrevo abaixo um último excerto de um livro editado em 2001, no qual também fica explícita a maneira recorrente como o gaúcho é descrito:

"No ambiente da Campanha houve modificações através do tempo. Nas estâncias modernas há o caminhão, a caminhonete, luz elétrica. Há mais conforto e rapidez no trabalho. O gaúcho de hoje ouve rádio, vê televisão. Porém, com todas essas mudanças, o gaúcho conserva os mesmos hábitos e o mesmo espírito: continua sendo tão bom cavaleiro quanto seus antepassados, é

laçador, domador. (...) Toma sempre o chimarrão e come churrasco. Continua olhando os campos com o mesmo encantamento, tem amor pela terra e pelos animais. Desse tipo gaúcho herdamos a simplicidade, a coragem, e generosidade, a sinceridade” (SCHNEIDER, 2001, p. 80).

Ressalto que extraí trechos que considere mais significativos do amplo espectro de livros pesquisados, justamente por considerar importante ressaltar o fato de, apesar de o intervalo de tempo existente ser grande – década de 1960 até 2005 – entre os livros pesquisados, a representação do gaúcho, no que tange a suas características, tanto físicas quanto psicológicas, não sofreu alterações significativas. Sendo assim, os saberes produzidos pelos livros didáticos a respeito do gaúcho giram em torno da figura masculina - sendo esta representação de gênero fortemente marcada, uma vez que a figura da mulher, a prenda, é totalmente secundária -, havendo uma predominância da sua ligação com a vida rural, na região da Campanha. Além disso, também é recorrente a descrição da indumentária gaúcha, a qual, provavelmente, deva ser familiar para crianças que participam de um ambiente onde se cultivam as tradições, principalmente nas cidades do interior, onde é mais comum convivermos com pessoas pilchadas – homens parcial ou totalmente pilchados, pois as mulheres não costumam usar vestido de prenda no cotidiano, até pelo incômodo de tal indumentária - fazendo esta vestimenta parte do dia a dia destas crianças. Para outros gauchinhos e gauchinhas, entretanto, este tipo de gaúcho pode ser tomado como uma figura mais folclórica, presente em determinados espaços e situações, como festas juninas e comemorações da Revolução Farroupilha, por exemplo. De toda forma, esta é a maneira predominante do tipo gaúcho se nos tornar visível – pilchado – maneira esta que privilegia a instituição da representação de uma figura que passa a ser a imagem “natural”, “normal”, presente nos livros didáticos e em outros meios. Segundo Costa (1998) “quando alguém ou algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma ‘realidade’, instituindo algo com existente de tal ou qual forma” (p. 42). Institui-se, assim, uma maneira de se vestir gaúcha, e junto com, atrelada a ela, uma maneira de se constituir gaúcho.

Merecem destaque também os termos empregados para se fazer referência ao gaúcho e ao seu universo: “costumes”, “hábitos”, “estância”, “cavalo”, “origem”, “peões”, “tradicional”, “cultivar”, “antigo”, dentre outros. São termos que concorrem para a fixação da imagem de gaúcho aqui analisada, um gaúcho que tem a sua origem no campo, peão de estância, que possui hábitos e costumes antigos, os quais são cultivados até hoje e que nos foram legados. No que tange às características psicológicas do gaúcho, são usados os adjetivos “franco”, “sincero”, “hospitaleiro”, “decidido”, “valente”, “leal”, “cordial”, “simples”, “corajoso”, “generoso”, qualidades essas que reforçam uma identidade marcada por um campo semântico positivo. Obviamente não estou querendo afirmar que gaúchos e gaúchas não possuam tais qualidades; o que é importante sublinhar é que essas características não se restringem aos gaúchos, elas também se aplicam a todas as outras identidades, sejam elas nacionais, regionais, de gênero, de classe, etc.

Apesar de, como já foi dito anteriormente, a representação do gaúcho nos livros

didáticos não ter sofrido alterações significativas no intervalo de tempo pesquisado, a maneira como essas representações – essa imagem de gaúcho – aparecem nos livros se modificou. Em relação a tais modificações, cabe destacar, em primeiro lugar, as mudanças ocorridas no mercado editorial brasileiro, sobretudo no mercado de livros didáticos.

A reforma de ensino da década de 1970 aumentou o número de professores, de alunos e de escolas, “favorecendo o incremento da produção industrial de livros, os quais passavam a contar com um segmento de demanda bastante seguro” (BORDINI, 1998, p. 38). Nesse sentido, Gatti Júnior (2005) afirma que, na década de 1990, o suporte comercial das grandes editoras brasileiras era o livro didático – situação que perdura até os dias de hoje. Em 1970 ocorreu o “boom” editorial dos livros didáticos, sendo que, nos anos de 1980, a rede escolar foi fartamente abastecida, pelo governo, de livros não apenas didáticos e paradidáticos, mas também de literatura infanto juvenil, havendo um enorme contraste com a produção quase artesanal presente na realidade da indústria editorial brasileira da década de 1960.

É só a partir de 1970, então, que os livros vão ganhando um número maior de ilustrações – que passam a ser coloridas – e começa a ocorrer a segmentação por disciplinas, uma vez que, até então, havia somente um ou dois livros que abordavam as várias áreas do conhecimento. Devido a este panorama, as representações de gaúcho presentes nos livros mais antigos que foram analisados – de 1960 a 1970 – geralmente estão inseridas em um único livro, editado em preto-e-branco, que abordavam praticamente todas as áreas curriculares⁴.

Nos livros desse período, a figura do gaúcho se destaca tanto na parte que se refere a Estudos Sociais quanto à Linguagem – nesta última aparecem textos de autores consagrados na Literatura Brasileira e sul-rio-grandense, como Simões Lopes Neto, Augusto Meyer, Érico Veríssimo, Manoelito de Ornelas, Darcy Azambuja, dentre outros.

Em relação às ilustrações, como já foi afirmado anteriormente, há uma profusão delas nos livros editados a partir de 1970, sendo que os da década de 1990 em diante apresentaram uma quantidade grande de gravuras e de ilustrações, mapas, fotos, ou seja, todos os recursos técnicos disponíveis são utilizados no sentido de produzir um livro didático mais atraente para alunos e alunas que, cada vez mais, possuem outros recursos plenos de imagens que os seduzem – como Internet, vídeo-games e a própria televisão. É importante sublinhar, todavia, a presença de ilustrações que retratam a figura do gaúcho e os sistemas simbólicos a ela associados – paisagem rural, chimarrão, churrasco, detalhes da indumentária, cavalo, etc. – em todos os livros analisados. Ocorre que, no período que abrange 1960 a 1970, geralmente aparecem desenhos e figuras em preto-e-branco ou com pouquíssimas cores; já a partir de 1970, como mencionado, o número de ilustrações aumenta significativamente, bem como os recursos gráficos utilizados na produção dos livros didáticos. Ainda no que tange à abordagem dada à figura do gaúcho nos livros didáticos, um outro fator que considero importante ressaltar é a associação paulatina que vai haver entre a figura do gaúcho e sua identidade com o gauchismo/tradicionalismo⁵. Tal associação pode ser explicada – e essa foi a hipótese levantada no meu projeto de pesquisa – pela influência que os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e posteriormente o

Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) adquirem a partir de 1948, data da criação do primeiro CTG. De acordo com Maciel (2004):

O culto à tradição realizado pelo tradicionalismo no Rio Grande do Sul é estruturado e organizado por uma espécie de federação, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), o qual se estrutura em associações tais como os chamados Centro de Tradições Gaúchas (CTGs), os piquetes (ou piquetes de laçadores) e ainda outras denominações diversas, porém com as mesmas características e objetivos (p. 244).

Sendo assim, a influência do gauchismo, sobretudo a partir da fundação e expansão dos CTGs e da sua vertente tradicionalista, faz-se cada vez mais presente nos livros didáticos, havendo, inclusive, a referência ao movimento em alguns dos livros mais recentes, conforme transcrito nos excertos abaixo:

“O povo gaúcho valoriza muito suas tradições. Em todo o estado encontramos os CTG – Centro de Tradição Gaúcha – onde se cultivam os hábitos gauchescos como o churrasco, o carreteiro, o chimarrão, as danças folclóricas, as músicas e lendas” (JARDIM, 1995, p. 163).

“O movimento tradicionalista gaúcho, que mantém vivos os costumes antigos das estâncias e recorda a cultura da Campanha, teve impulso com a criação dos CTGs. O primeiro foi criado em 1948 e, hoje, existem muitos CTG espalhados por todo Rio Grande do Sul e também por vários outros estados do país” (MENEGOTTO e OLIVEIRA, 1999, p. 147).

É interessante notar que, em relação aos livros didáticos regionais de outros Estados pesquisados – livros atuais, a partir do ano 2000 –, não foram encontradas representações que fossem centradas em uma figura tão marcante quanto a do gaúcho. As identidades regionais são geralmente marcadas, nos livros pesquisados, por meio de elementos como a culinária, a música, as festas regionais, conforme os excertos destacados a seguir. No livro *História – Interagindo e percebendo Minas Gerais*, é ressaltada a diversidade de povos que formou o Estado:

“Uma mistura tão grande de povos com culturas tão diferentes, fez de Minas Gerais um estado muito rico e diversificado. A influência desses diversos povos manifesta-se na nossa culinária, no nosso jeito de falar, nas nossas festas e costumes” (SOURIENT, RUDEK e CAMARGO, 2001, p. 92).

Em relação às festas, há o seguinte comentário e depois a descrição das principais festas:

“As festas populares que fazem parte da tradição mineira estão ligadas à religiosidade do povo, com rituais e coloridos próprios” (SOURIENT, RUDEK

e CAMARGO, 2001, p. 87).

Nesse livro, aliás, não há menção ao “mineiro” como tipo regional, somente ao Estado de Minas Gerais. Talvez por ser da mesma coleção e praticamente dos mesmos autores, isso também ocorre no livro *História – Interagindo e percebendo Pernambuco*, no qual também não há referência ao tipo regional do “pernambucano”, sendo ressaltado o Estado de Pernambuco e os povos que o formaram:

“Pernambuco tem uma das culturas mais ricas do Brasil, influenciada pelo colonizador português, pelo negro africano e pelo indígena que habitava as terras pernambucanas. Além das esculturas, das pinturas, das músicas e poesias feitas pelos nossos artistas, Pernambuco também possui outras manifestações culturais riquíssimas. Vamos conhecer algumas, lendo os textos a seguir” (SOURIENT, OLSZEWSKI, RUDEK e CAMARGO, 2001, p. 87).

Como não é possível transcrever todos os textos apresentados no livro, destacamos aqui que eles tratam de algumas festas, como “A paixão em Nova Jerusalém” – festa de cunho religioso –, o “Carnaval”, as “Festas Juninas” – havendo destaque para a cidade de Caruaru –, bem como as referências que há ao frevo, ao maracatu, à Literatura de Cordel, enfim, às diversas manifestações folclóricas que compõem os sistemas simbólicos que formam uma identidade regional pernambucana.

Ainda no que se refere aos tipos regionais, em relação ao Estado da Bahia, também a formação do povo baiano é destacada da seguinte maneira:

“Na Bahia, a situação foi diferente da dos estados do Sudeste. Poucos imigrantes estrangeiros vieram para cá e o estado sofreu poucas influências das culturas européias. Com isso a cultura indígena e a cultura dos afrodescendentes foram preservadas em nosso estado e exerceram grande influência sobre o modo de vida, a culinária, a música, o vocabulário de nosso povo” (SILVA e CHIANCA, 2004, p. 137).

Neste excerto são destacadas a influência dos povos indígenas e afrodescendentes, não havendo a presença do discurso que ressalta a diversidade de povos que compuseram a formação do povo da Bahia. Da mesma maneira que aparece nos outros livros já citados, neste livro também estão presentes alguns elementos de cunho mais folclórico, como as festas e as tradições culturais que seriam típicas daquele Estado:

“A Bahia sempre teve um papel importante no panorama cultural do país. Escritores, artistas plásticos e compositores deram grande contribuição à cultura brasileira. Muitas festas populares e religiosas são preservadas na Bahia. Vamos conhecer algumas delas” (SILVA e CHIANCA, 2004, p. 137).

As festas referidas são o “Carnaval”, a festa de “Iemanjá” e a lavagem da escadaria da igreja de “Nosso Senhor do Bonfim”. Em relação às duas primeiras manifestações, apesar

de elas não serem realizadas só no Estado da Bahia, há as seguintes ressalvas:

“O Carnaval é uma festa brasileira, mas na Bahia tem características diferentes das de outros estados. Oficialmente o Carnaval da Bahia tem início na quinta-feira à noite com a entrega da chave da cidade de Salvador pelo prefeito ao rei Momo, que representa a alegria da festa. Depois, o primeiro trio elétrico desce a ladeira em direção à praça Castro Alves. As pessoas seguem o trio cantando e dançando por vários quilômetros das avenidas da capital baiana. Em Salvador também se realiza a maior manifestação religiosa do candomblé: a festa de Iemanjá. Todos os anos, no dia 2 de fevereiro, diversas pessoas se reúnem para homenagear Iemanjá com cantos, oferendas e procissão” (SILVA e CHIANCA, 2004, p. 137-138).

A descrição destas festas e manifestações servem para marcar as diferenças existentes entre a forma de comemorá-las e também a importância que tais manifestações adquiriram para o povo da Bahia, conferindo uma certa forma de diferenciação identitária⁶.

Assim como já foi referido anteriormente, no que tange ao Estado de Goiás, também não há menção ao tipo regional daquele Estado, mas sim aos povos que formaram “o povo goiano”, conforme é apresentado a seguir em excerto extraído do livro *História de Goiás Paratodos*:

“Como já estudamos, o estado de Goiás abriga uma variedade muito grande de tipos de pessoas. Os brancos descendentes de europeus, os povos indígenas e os negros de origem africana foram os primeiros formadores do povo goiano. Nosso povo se caracteriza por essa mistura racial e pela diversidade cultural, construídos através da sua história” (GARCIA e MENEZES, 2004, p. 112).

Como nos livros anteriores, após a descrição dos povos que formaram o Estado, há a referência às manifestações folclóricas e às tradições:

“As festas religiosas, as tradições folclóricas e as comidas típicas formam, com outras expressões artísticas, um conjunto de heranças que compõem e enriquecem a nossa cultura. São muitas as formas de manifestações folclóricas do estado de Goiás. As cavalhadas de Pirenópolis, de Santa Cruz de Goiás, as folias de reis de Mossâmedes, de Santa Helena e de outras localidades; as festas do Divino; a culinária; o artesanato de barro são exemplos marcantes da cultura e da religiosidade popular goianas” (GARCIA e MENEZES, 2004, p. 113-114).

Uma exceção foi encontrada no livro *Estado de São Paulo – História*, no qual há o emprego do termo “paulista”. Embora não haja uma figura que represente o paulista e nem a descrição de suas características, como acontece com o gaúcho, é o único livro, daqueles analisados até o presente momento, em que há a referência ao gentílico, conforme excerto abaixo:

“O movimento bandeirante promoveu o povoamento do interior, ampliando os domínios portugueses no Brasil e rompendo na prática os limites territoriais determinados em 1494 pelo Tratado de Tordesilhas. Nesse movimento expansionista, os paulistas fundaram numerosas povoações. (...) Os paulistas também foram os primeiros a povoar os atuais estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, onde deram origem a muitas cidades” (SZTERLING, 2004, p. 39).

Também há o emprego do termo “paulista” na parte do livro que trata do “encontro do branco português com o índio brasileiro”:

“Esses primeiros paulistas adotam de tal modo os usos e costumes dos índios – seu regime alimentar, suas técnicas de caça e pesca, sua arte de construir habitações (...)” (SZTERLING, 2004, p. 30).

“Nem tudo, porém era tão diferente do que é hoje. Alguns hábitos dos primeiros paulistas resistiram à passagem do tempo e chegaram até os nossos dias praticamente inalterados” (SZTERLING, 2004, p. 27).

Neste livro também não há menção a festas e manifestações folclóricas; há destaque para o vasto contingente de imigrantes e migrantes que o Estado e a cidade de São Paulo receberam e recebem.

A partir do que foi destacado até aqui, as análises apontam para formas diversificadas de se representar identitariamente as pessoas que habitam os vários Estados brasileiros. Há uma predominância de descrições que ressaltam os vários povos que formaram cada estado seguida de uma abordagem que evidencia as manifestações de cunho mais folclórico de cada um deles. A exceção é o Estado do Rio Grande do Sul, em que a figura do gaúcho aparece como uma representação identitária bastante forte e marcante.

Notas

¹ Para um aprofundamento do conceito de pedagogia cultural, consultar COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, mai/ago 2003. p. 36-61.

² Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla, o meu estágio de Pós-Doutorado, finalizado em janeiro de 2009, no Núcleo de Estudos Sobre Currículo, Cultura e Sociedade/NECCSO (www.ufrgs.br/neccso) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, sob supervisão da Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira, com financiamento do CNPq, processo nr. 155539/2006-0.

³ Mantive a grafia da época, conforme consta nos livros.

⁴ Os livros pesquisados podem ser agrupados da seguinte maneira em relação à divisão das disciplinas: Linguagem e Estudos Sociais; Linguagem e Estudos Sociais e Naturais; Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Moral e Cívica.

⁵ O termo gauchismo pode ser considerado mais amplo, indicando tudo aquilo que se refere ao gaúcho, e não somente aquilo que é ligado ao tradicionalismo.

⁶ Cabe lembrar aqui que a festa de iemanjá também é comemorada na cidade de Porto Alegre, com uma grande procissão, mas de forma alguma tal comemoração adquiriu importância no sentido de marcar a identidade gaúcha

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar. As fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: _____ (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 69-90
- _____. Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: vol. 30, n. 03, set/dez 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf>> Acesso em 25.08.2007
- BOPP, Sydia Sant'anna; CABRAL, Eddy Flores. *Linguagem e Estudos Sociais*. Porto Alegre: Edições Tabajara, 1969.
- BORDINI, Maria da Glória. A Literatura Infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). *30 Anos de Literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. p. 33-45
- CERRI, Luís Fernando. A ideologia da paulistanidade e a escola. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 18, n. 36, 1998.
- COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: _____. (org.) *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 37-68
- GARCIA, Ledonias Franco; MENEZES, Sônia Maria dos Santos. *História de Goiás Paratodos*. São Paulo: Scipione, 2004.
- GATTI JR., Décio. Estado e editoras privadas no Brasil: o papel e o perfil dos editores de livros didáticos (1970-1990). *Caderno Cedes*. Campinas, vol. 25, n. 67, set/dez 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Consulta realizada em 26.08.2006
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JARDIM, Fátima Flores. *Rio Grande do Sul. Educação e desenvolvimento do senso crítico*. São Paulo: Editora do Brasil, 1995.
- KOTECK, Luís Moraes. *Conhecendo o Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ática, 2000.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 239-264
- MENEGOTTO, Ricardo; OLIVEIRA, Giovana Mendes. *Rio Grande do Sul. História e Geografia*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.
- SCHNEIDER, Regina Portella. *História do Rio Grande do Sul*. São Paulo: FTD, 2001.
- SILVA, Lílian; CHIANCA, Rosaly Braga. *História. Bahia*. São Paulo: Ática, 2004.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. "Ser gaúcho/a", escola e Vinte de Setembro. In: AZEVEDO, José Clovis; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Cátia (orgs.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 277-287

SOURIENT; Lílian; RUDEK, Roseni; CAMARGO, Rosiane. *História. Interagindo e percebendo Minas Gerais*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

SOURIENT; Lílian; OLSZEWSKI, Kátia Marise P.; RUDEK, Roseni; CAMARGO, Rosiane. *História. Interagindo e percebendo Pernambuco*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

SZTERLING, Silvia. *Estado de São Paulo. História*. São Paulo: FTD, 2004.

THOFEHRN, Cecy Cordeiro; CUNHA, Nelly. *Estrada Iluminada. Canto da Minha Terra*. São Paulo: Editora do Brasil, 1963.

Correspondência

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas – Professora da Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Brasil.

E-mail: leti.freitas@terra.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
